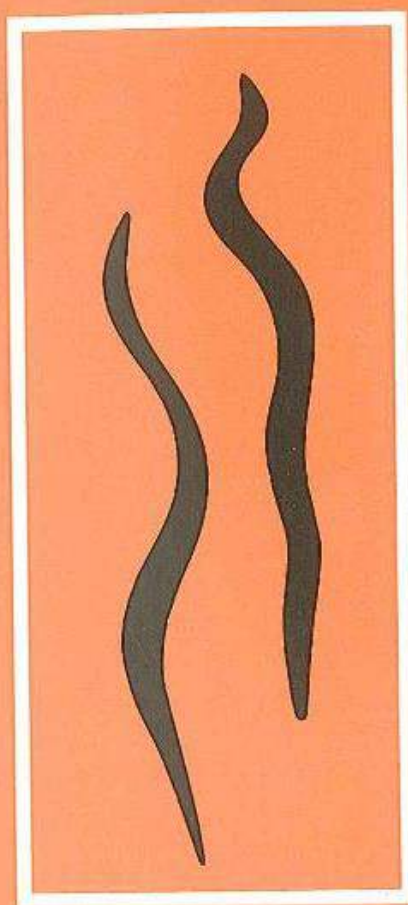
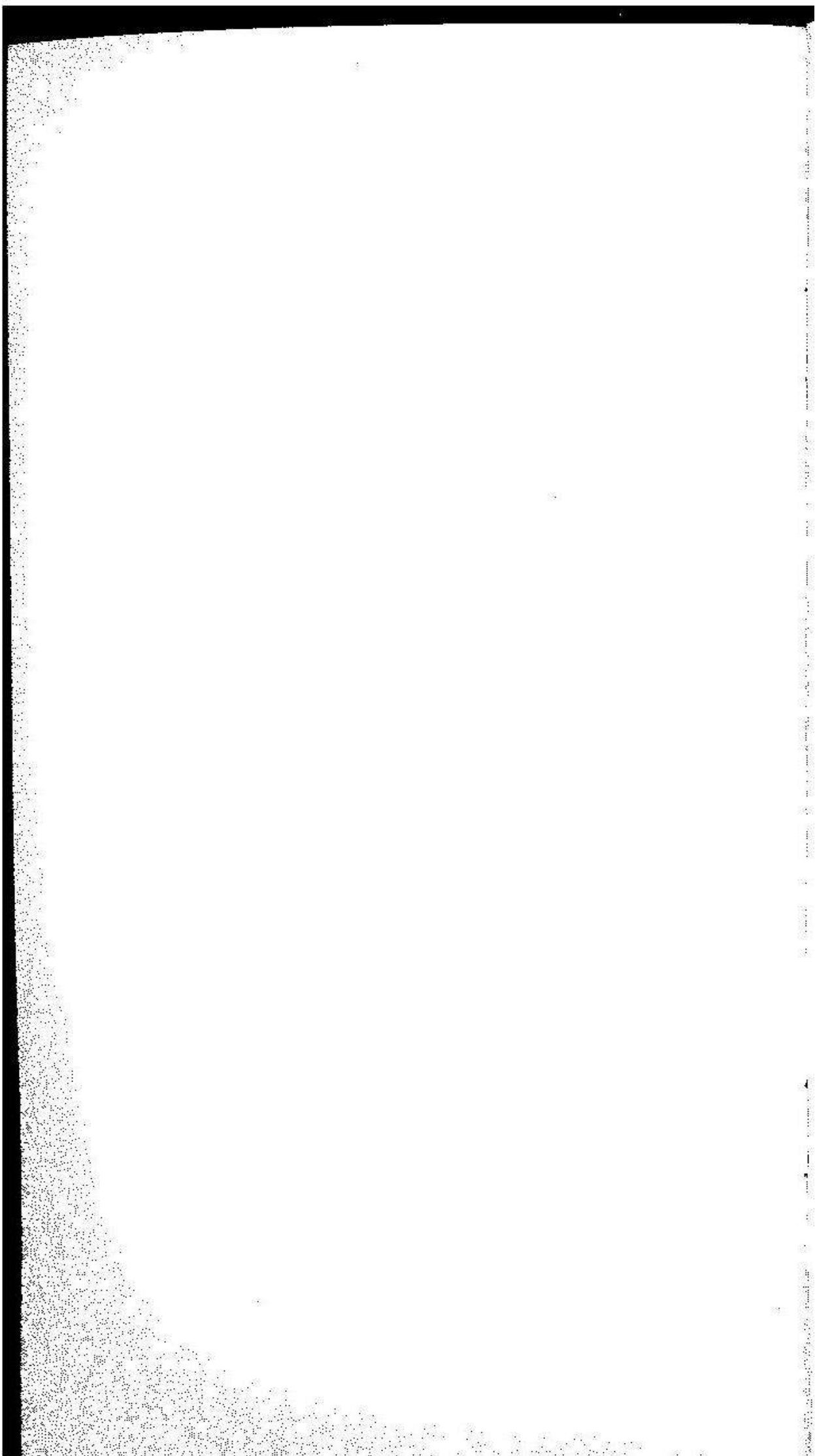


# VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES



Conversando a  
Gente se Entende



# VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Conversando a  
Gente se Entende

*VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES*

*Conversando a Gente se Entende*

*Editoração Eletrônica: So Wai Tam*

*Editora: Josefa Buendía Gómez*

*Revisora: Lúcia de Cássia Gonçalves*

*Esta publicação foi possível graças aos apoios de:*

*CFFC – Catholics for a Free Choice*

*Fundação Ford*

*Fundação MacArthur*

*Publicações CDD*

*Av. Brigadeiro Luís Antônio, 993, conj. 706*

*CEP 01317-001 – São Paulo-SP*

*Tel/fax: (11) 3107-9038*

*e-mail: [cddbr@uol.com.br](mailto:cddbr@uol.com.br)*

*[www.catholicsonline.org.br](http://www.catholicsonline.org.br)*

*3ª Edição, 2006*

*Revisada*

## APRESENTAÇÃO

A violência é um fenômeno cada vez mais visível em todos os âmbitos da vida humana. A violência, em todas as suas manifestações, é desprezível porque deixa marcas para toda a vida. Nós, da CDD, somos contra toda violência e queremos contribuir na busca de soluções para acabar com essa doença que atribula toda a sociedade. Sabemos, porém, que só será possível superá-la se atacarmos as causas, as raízes da mesma.

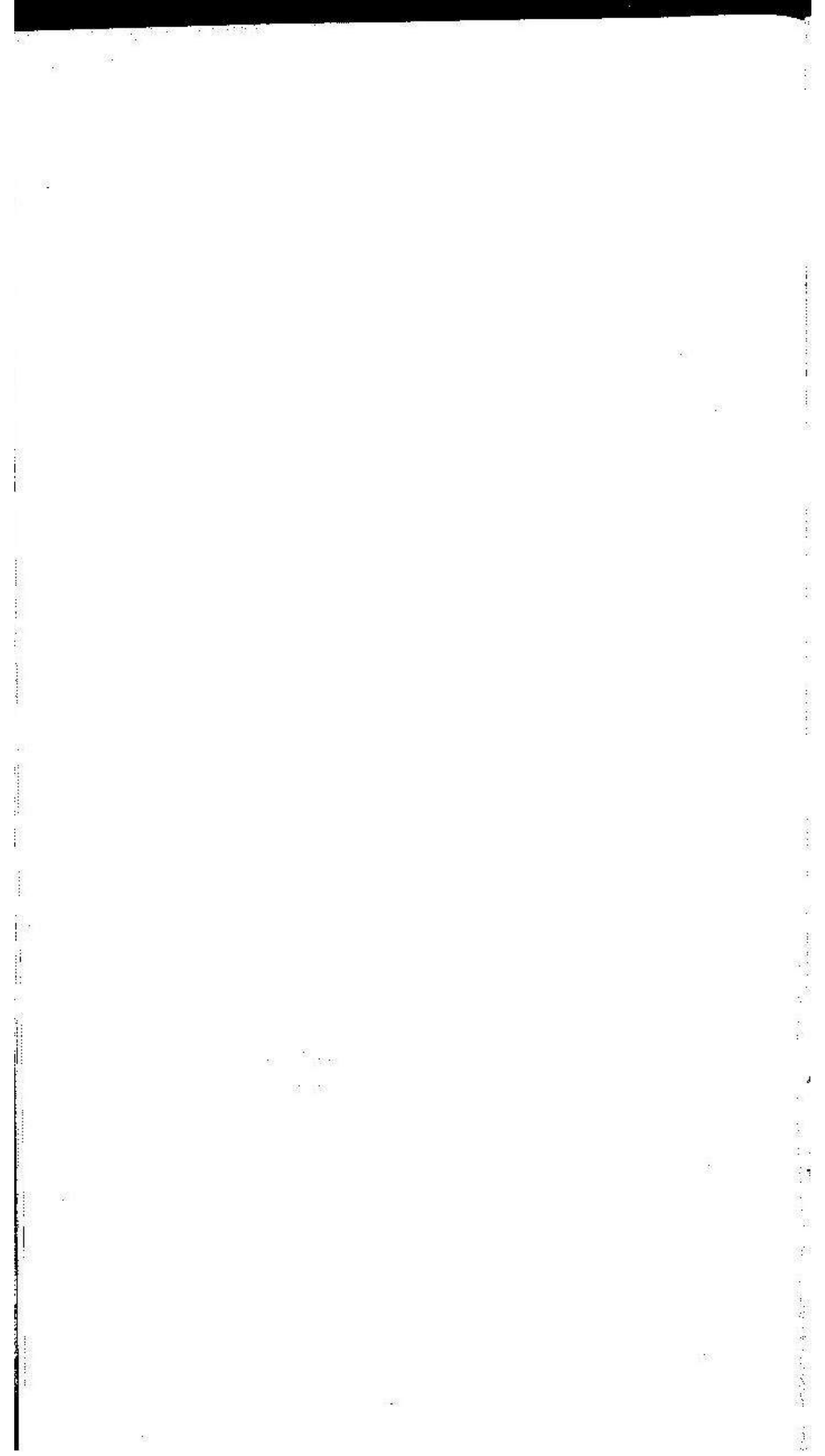
Entre todos os tipos de violência, a exercida contra as mulheres é uma das mais perniciosas, já que, muitas vezes, encontra respaldo e justificação na ideologia machista e nas estruturas patriarcais que ainda permanecem, tanto na estrutura da sociedade, como na Igreja. De tal forma que elas, as mulheres, são umas das maiores vítimas.

Por isso, com a cartilha *Violência contra as mulheres – conversando a gente se entende*, queremos contribuir para o fortalecimento das organizações de mulheres. Auxiliar educadoras populares e líderes de comunidades nas atividades formadoras, nos trabalhos com grupos de mulheres. Queremos acabar com o medo, a passividade e o silêncio frente à violência que contra as mulheres se exerce.

Esta cartilha está elaborada com preocupações pedagógicas, por isso são propostas dinâmicas que facilitam a partilha e a comunicação. Também oferece informações e reflexões bíblicas e teológicas que contribuem para o fortalecimento das mulheres, ampliando o seu horizonte e a sua formação.

Na parte final colocamos endereços úteis para denúncia dos agressores e atendimento às mulheres vítimas da violência. Queremos estimular a denúncia da violência exercida contra as mulheres.

Basta de apanhar! Basta de medo! Basta de silêncio!



## INTRODUÇÃO

Atualmente, iniciando o século XXI, a grande maioria da população já ouviu falar de (ou sofre algum tipo) violência. Assim, imagens de violência, apresentadas na imprensa escrita e falada – jornais, televisão e rádios – são o “pão nosso de cada dia”. Lamentavelmente, ela atinge a todos nós, sem distinção de sexo, idade, raça, religião ou classe social.

Entretanto, a violência contra nós, mulheres, é um fato institucionalizado e legitimado dentro da sociedade patriarcal e hierárquica. As mulheres têm sido alvo da violência, em suas múltiplas manifestações, dentro da família, no trabalho, na rua, na igreja etc.

Nesta cartilha vamos tratar especialmente da violência sofrida por nós, mulheres. Esse tipo de violência é um fato antiqüíssimo, e o crime encoberto mais praticado no mundo. Tem sido legalizado, através dos tempos, por leis religiosas e seculares, legitimado por diferentes culturas e por mitos da tradição oral ou escrita. Estes são, muitas vezes, respeitados e acatados sem discussão. A ideologia popular do “sempre tem sido assim”, “é o costume”, “é assim que se faz”, sustenta-os, não permitindo que enxerguemos situações que nos machucam o corpo e a alma. Evitamos ir contra os costumes, mesmo que prejudiquem a qualidade de nossas vidas, a de nossas filhas e filhos. Dessa forma, a submissão e a obediência ao homem da casa – aquele que sustenta (ou não) a família –, ao patrião, ao chefe, ao professor, ao padre, ao pastor, ou a outra “autoridade masculina” se faz sem questionamentos. Essa atitude de submissão e obediência é semelhante à que temos em relação a um mandamento divino aprendido nas tradicionais lições de catequese. Portanto, palavrões, tapas, socos e outros castigos são aceitos, pois acredita-se que é “um direito dele” castigar a mulher, as filhas e os filhos.

O propósito deste texto é levar à reflexão em meio à dor e à violência. Ouvir, rever e meditar sobre o que está se passando, para só depois reagir e atuar sem medo de acabar com um relacionamento que está machucando corpo e espírito.

Com esta cartilha, desejamos fornecer apoio didático a grupos de mulheres que estejam trabalhando a questão da violência contra elas no âmbito da família, em particular, e, de forma mais ampla, na sociedade em geral. Queremos, assim, contribuir para sensibilizar as mulheres a perceberem as mais variadas situações de violência que elas vivem no cotidiano. Essa descoberta as ajudará a atentar para circunstâncias tidas como normais em uma relação de parceiros. Queremos analisar o agir das mulheres no dia-a-dia e o que estão passando para as filhas e netas como “natural” em seus relacionamentos com os homens e também o que podem aceitar ou não como “normal”.

Como entendermos essa realidade tão dura e destrutiva? Vamos conhecer dados históricos, filosóficos e religiosos sobre a construção de gênero, como um caminho válido na procura das origens da violência contra a mulher na sociedade como um todo. Isto é, queremos abordar a questão do excessivo poder do homem/varão, presente na família, na Igreja e na sociedade. Acreditamos também que podemos dar pistas de atuações concretas quanto à prevenção e cura da violência contra a mulher, a partir de uma leitura libertadora da Bíblia, recuperando textos que estimulam para a vida e questionando ou criticando outros que estimulam o sacrifício e o sofrimento. Reinventar a vida a partir da concretização de sonhos, desejos, fantasias é nosso principal propósito.

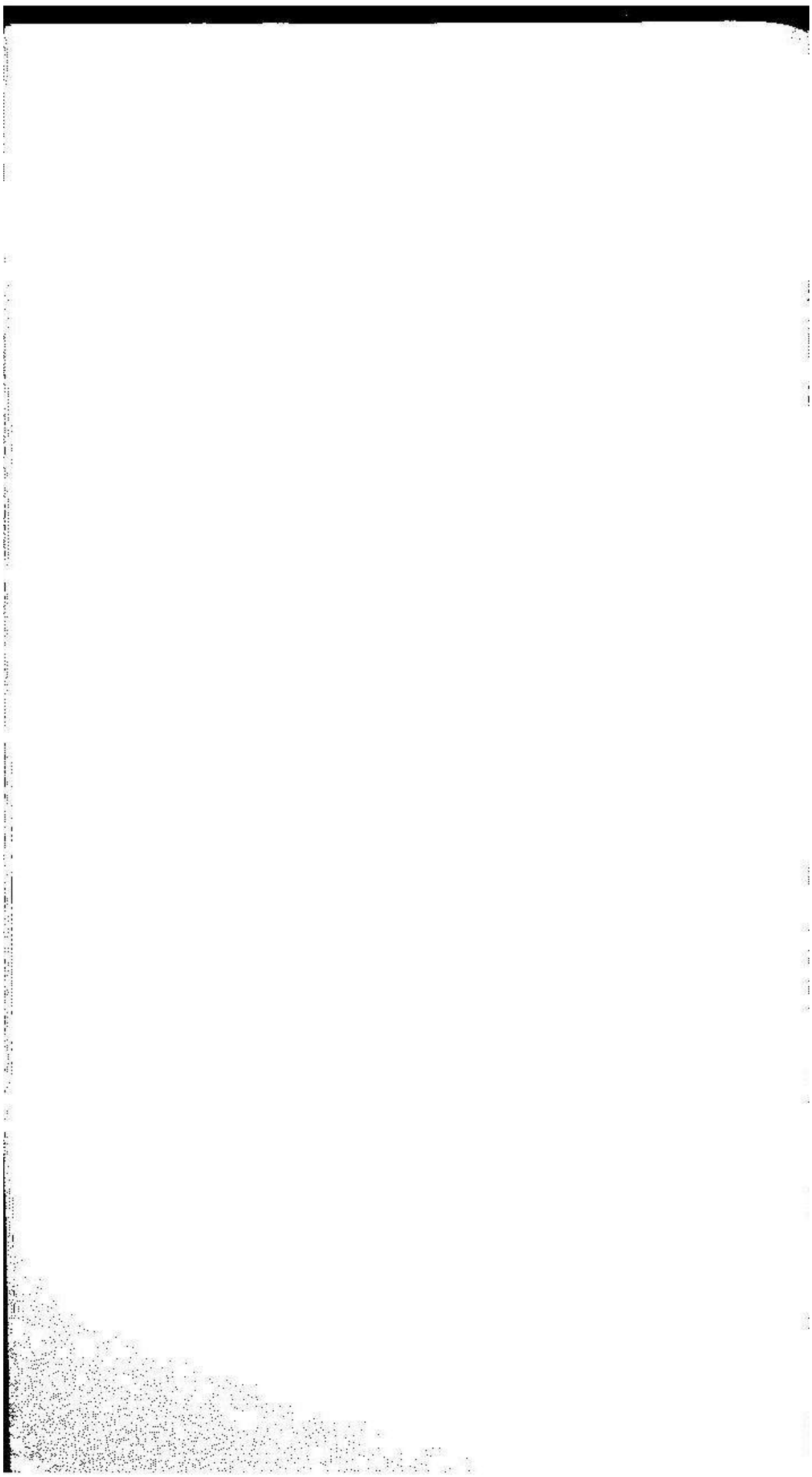
Nossa tarefa se desenvolverá em seis encontros, numa dinâmica interativa e numa linguagem clara e acessível ao grupo:

- Procurando o pronto-socorro
- Rompendo com velhas mortalhas
- As redes que me prenderam I (a religião)
- As redes que me prenderam II (a educação e a cultura)
- “Que imagens tenho de Deus? Posso mudá-las?”
- “O direito de escolher e decidir como viver minha vida: um passo importante na superação e na eliminação da violência contra a mulher”.



## ÍNDICE

1. Procurando o pronto-socorro ..... 9
2. Rompendo com velhas mortalhas ..... 13
3. As redes que me prenderam I (a religião) ..... 17
4. As redes que me prenderam II (a educação e a cultura) ..... 21
5. "Que imagens tenho de Deus? Posso mudá-las?" ..... 27
6. "O direito de escolher e decidir como viver minha vida: um passo importante na superação e na eliminação da violência contra a mulher". ..... 31



## PRIMEIRO ENCONTRO PROCURANDO O PRONTO-SOCORRO

*Para onde foi o teu amado,  
ó a mais formosa entre as mulheres?  
Que rumo tomou o teu amado  
E o buscaremos contigo.*

*Cântico dos cânticos 6,1.*

O motivo que nos trouxe a esses encontros foi o nosso "amado", aquele que conhecemos no início do namoro e que aos poucos foi desaparecendo. Já não sabemos mais onde ele está. Aquele que dorme em nossa cama é um desconhecido. Vamos, pois, busca-lo. É possível que, procurando-o, também possamos encontrar a nós mesmas. Porém, mesmo assim, vamos juntas entender essas mudanças ou essas atitudes que ocultaram nosso companheiro de vida. Seu comportamento tem-nos ferido e machucado. Estamos feridas, e por isso precisamos do pronto-socorro.

Vamos caminhar juntas nestas semanas para contemplar nossas vidas de sofrimento, tristezas e frustrações, com a finalidade de a enxergar de outro jeito, procurar uma saída e mudar, dentro do possível, o que tem que ser mudado.

### DINÂMICA DE APRESENTAÇÃO DAS PARTICIPANTES DO GRUPO

Com o propósito de refletir sobre as imagens pessoais (isto é, como eu olho para mim mesma?, qual a impressão que eu passo para as pessoas?, o que as pessoas pensam de mim?), vamos nos

apresentar com a seguinte dinâmica:

- Meu nome é...
- Gosto que me digam que eu sou:
- Não gosto que me digam que eu sou:

## INICIANDO NOSSA CONVERSA

**DAR-SE CONTA:** O que é dar-se conta?

Às vezes cremos que, se não apanhamos ou não somos agredidas fisicamente, não somos vítimas de violência (na nossa casa, na rua, na escola ou lugar de estudos, ou trabalho, por exemplo). Estamos acostumadas a viver relações desiguais, hierárquicas, destrutivas e, portanto, qualquer situação de violência torna-se tão “normal” que nem a reconhecemos como tal.

Convidamos todas vocês a refletir, reparar e analisar atitudes cotidianas que tenham conotações de violência física, psíquica, emocional, sexual, mas que parecem inofensivas. Também aprender a distinguir uma conduta aparentemente natural/normal e que, no entanto, são condutas opressivas e/ou violentas.

Para ajudar as mulheres a enxergar melhor a própria situação, vamos iniciar a conversa, com as seguintes perguntas:

- Que sentimento produz em você a palavra violência?
- De que se lembra ao ouvi-la?
- Você pode relatar brevemente alguma experiência?
- Você considera normal a resolução de problemas através da violência?
- Com que “apelidos carinhosos” seu marido a trata? Você considera isso normal?
- Qual a sua opinião a respeito de piadas sobre as sogras e as mulheres em geral?
- Que atitude de seu marido considera uma violência?

A coordenadora entrega o material para as participantes com as perguntas já anotadas no papel. Terão tempo suficiente para ler, pensar e escrever as respostas.

## SUBSÍDIOS

Na sociedade encontramos condicionamentos sociais, econômicos e ideológicos que colaboram para um relacionamento destrutivo e violento dentro da família. Um relacionamento, que no início pode ser bem-sucedido, corre o risco de aos poucos virar um pesadelo, um mau sono, ou paralisar nossa capacidade de pensar.

Atitudes de poder, autoridade e dependência, entre outras, são criadas na família, o que finalmente desencadeia e legitima a vitimização principalmente da mulher, embora as crianças e os/as idosos/as também possam ser vítimas dessas relações agressivas. Esses condicionamentos são, muitas vezes, a justificativa para as atitudes agressivas e violentas dos parceiros. E não necessariamente a violência física, mas também outras manifestações mais sutis, como a violência psicológica e/ou emocional. Esse tipo de violência é menos visível, porém mais perigosa. Disfarçada de "normal", "natural" e legitimada através da Bíblia ou outros dogmas da Igreja, contribui para a deterioração da personalidade.

Também a idéia de vítima e "culpada" está amparada por uma ampla variedade de mitos e crenças, que consideram que as atitudes violentas do parceiro têm ligação com o álcool, com as relações fora do matrimônio, os amigos, o stress, o desemprego, a doença mental, por exemplo. Também estão relacionadas à crença de que as mulheres gostam de ser maltratadas, ou que a violência faz parte da natureza do ser humano.

A educação e a socialização a partir dos papéis masculino e feminino, que a sociedade e a cultura atribuem para ambos os sexos, comumente ressaltam a idéia ou a crença de que os homens têm o direito de dominar e disciplinar suas esposas, parceiras, namoradas ou irmãs mais novas. Existe ainda a idéia de que garantir um lar sossegado, tranqüilo e feliz é dever das mulheres, que também são responsáveis pelos conflitos intrafamiliares. O caráter privado e sagrado da família e do lar, onde ninguém pode intrometer-se, respalda a crença de que a família deve permanecer junta, unida, custe o que custar, mesmo que a integridade e a vida da mulher e dos filhos possam correr perigo. Portanto, ninguém tem o direito de invadir a privacidade da família e ficar sabendo do que está se passando na "santa privacidade do lar". Docilidade, submissão, obediência, silêncio, humildade, além do sofrimento, dor física ou emocional são experiências que nós mulheres APRENDEMOS a assumir como parte do nosso cotidiano e que formam parte das "virtudes das mulheres". Esses dons e atributos que a sociedade nos impôs não foram por acaso. Foram passados de geração a geração.

Por tudo isso esse primeiro encontro é para olharmos as nossas feridas, para acordarmos, e também para ajudar-nos a superar a violência. E para contribuir ainda para que possamos entender, mas não por isso justificar, as mudanças do parceiro. Não é um caminho fácil. São muitos anos de ensino, de aprendizado, de construção que teremos de rever, repensar, refazer. Temos algumas semanas para aprender e pensar numa nova forma de ser mulher, esposa, mãe, mas principalmente **SER MULHER-MULHER**.

Contudo, fazer sarar as feridas, mudar de atitude, dar a volta por cima, necessita de um apoio terapêutico igual ao dado às doenças físicas. Alguns desses tratamentos trazem o conhecimento dos fatores que estão sustentando e provocando a violência contra nós, mulheres. Neste encontro começamos a conversar; no próximo falaremos das relações de gênero (masculino/feminino).

#### O QUE DEVE FICAR DESSE ENCONTRO

- Ser mulher não é o mesmo que ter o sexo feminino: como Simone de Beauvoir diz: “Não nasci mulher, fizeram-me mulher”.
- A diferença entre sexo e gênero.
- O aprendizado é um processo que pode ser revisado. Portanto, se aprendemos a ser mulheres e homens, poderemos reaprender.
- A tentativa de reconstruir uma nova forma de relacionamentos.
- A distinção entre uma palavra libertadora e uma opressora.
- Desigualdade é violência.

## SEGUNDO ENCONTRO ROMPENDO COM VELHAS MORTALHAS

*"A mulher é a Bela Adormecida, a Cinderela, Branca de Neve, aquela que recebe e submete-se. As canções e as lendas falam de um rapaz aventureiro, partindo em busca de uma mulher; ele mata o dragão, enfrenta gigantes; ela está trancafiada numa torre, num palácio, num jardim, numa caverna, amarrada a uma rocha, cativa, profundamente adormecida: ela aguarda".<sup>1</sup>*

Neste encontro vamos pensar mais uma vez em nós, mulheres, vítimas de violência. Portanto, nesta oportunidade, queremos que vocês possam contribuir para sua própria sensibilização e descoberta das situações de violência em que estamos envolvidas cotidianamente. O que queremos dizer com descoberta? Queremos pensar e refletir com o propósito de distinguir entre as múltiplas situações cotidianas tidas como normais numa relação de parceiros, mas que são comportamentos enganosos. Isso porque respondem à legitimação do poder do homem sobre a mulher. Assim poderemos meditar e analisar as nossas experiências de vida. Pôr em evidência construções sociais que nos oprimiram e oprimem. Aprender que nascer com um sexo determinado não faz a diferença. A importância está na socialização do gênero, isto é, como é que começamos a aprender a ser mulher e homem.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Por que o título? Romper significa quebrar, desfazer, arrombar. Neste encontro queremos pensar em como estou vivendo minha vida. Tem alguma situação, algo inexplicável que me sufoca e oprime? Vamos procurar por aqueles labirintos esquecidos da nossa infância, nas falas das avós e nos contos de fadas, como está muito bem colocado por Simone de Beauvoir no início desse nosso tema, e que foram as histórias, contos de fadas e metáforas que aprendemos delas.

## DINÂMICA DE APRESENTAÇÃO

Embora já tenhamos nos apresentado no primeiro encontro, queremos voltar à apresentação, pois essa dinâmica nos ajuda a refletir sobre nossos primeiros sonhos e nossa atual e dura realidade.

- Meu nome é:
- Eu sonhava em ser:
- Mas virei...

## INÍCIO DA CONVERSA

O que significa construir? Por exemplo, a primeira coisa que imaginamos é a construção de um edifício, casa ou barraco. Mas, para poder construir algo, necessitaremos de materiais de construção: areia, água, cimento, ferro, madeira, tijolos, mão de obra, pessoas que trabalhem pensando em como será o que vamos construir. Essa construção pode satisfazer algumas pessoas, enquanto outras podem ficar incomodadas; algumas são favorecidas e outras são prejudicadas. Passado um tempo, essa construção vai ficando velha, e a gente poderá pensar em derrubá-la para voltar a construir outro prédio que possa acomodar-nos ou responder às nossas necessidades atuais. Assim como a construção de um prédio, também as idéias sobre o relacionamento entre homens e mulheres foram sendo construídas. Utilizaram-se materiais muito fortes e pesados que têm permanecido imóveis por gerações, séculos ou talvez milênios. Mas nenhum material é tão forte quanto as idéias passadas através das palavras. As palavras são fios invisíveis que amarram e apertam através de uma mortalha chamada IDEOLOGIA.



## SUBSÍDIOS

Falar de violência contra a mulher envolve muitos fatores que repercutem na saúde física e mental das pessoas. Só esse fato é argumento suficiente para justificar a urgência e a relevância de estarmos refletindo sobre o assunto, com o intuito de usar todos os meios para a erradicação desse flagelo. Um desses tratamentos relaciona-se ao conhecimento dos fatores que estão sustentando e provocando a violência contra as mulheres. Neste capítulo vamos conversar sobre as relações de gênero masculino/feminino. Conhecer o mal para poder receitar o remédio.

Para analisar o termo gênero, consideraremos a seguinte definição: gênero é o sistema de condutas e comportamentos característico do homem e da mulher nos seus papéis feminino e masculino, além da diferença fisiológica de sexo. Esse aprendizado leva o ser humano a representar papéis distintos (da infância à velhice) em qualquer estrato social, religioso, étnico e/ou faixa etária. O papel feminino é ressaltado negativamente, enquanto o masculino é destacado positivamente, criando assim um trato hierarquizado do poder do homem sobre a mulher. Esses comportamentos desiguais, dominadores e chamados "hierárquicos" não são apenas privilégio do homem. Pode acontecer de tais atitudes serem reproduzidas pelas mulheres. Assim, há mulheres que dominam outras mulheres ou homens. Essas condutas obedecem a dinâmicas tanto do sistema patriarcal, que garante a subordinação da mulher ao homem, como também a dinâmicas de outros princípios estruturadores da sociedade, entre eles sexo, racismo, classicismo e colonialismo.

Sabemos que a grande maioria das mulheres é ensinada a aceitar a dominação masculina. Portanto, elas aprendem que ser machista é atitude legítima do poder. Isso é muito difícil de ser desmistificado. Temos que prestar atenção para não repetir o engano e passar adiante ensinamentos que continuem a perpetuar comportamentos desiguais. Continuaremos, dessa forma, a repetir o mesmo erro: homens violentos e mulheres submissas.

Por que é tão difícil romper com essa "mortalha"? Na definição do conceito gênero, pela qual temos optado, vamos encontrar antigas influências que vêm dos tempos antes de Cristo. São pensamentos filosóficos que influenciaram o pensamento cristão até nossos dias. Essas idéias foram permeando o pensamento e a doutrina da Igreja. De tal modo que, através de uma apreciação discriminatória, a mulher foi ficando numa condição de dependência em quatro dimensões: política, econômica, religiosa e cultural. Sem direito a voto, sem direito

a salário, sem direito a ter seu espaço no mundo eclesiástico e, culturalmente, rebaixada a segundo plano, conforme o ditado popular: "Por trás de um grande homem há sempre uma grande mulher".

Essa fala cristalizou-se tanto no homem quanto na mulher. Nas mulheres tornou-se um círculo vicioso entre dois sentimentos. De um lado, o medo da liberdade enquanto exercício da autonomia; de outro, trouxe a desesperança quanto à própria capacidade de libertar-se. Por sua vez, esses discursos teóricos e ideológicos, muitas vezes inconscientes, continuam no imaginário dos homens como um sistema de crenças e valores: "sempre foi assim", "meu pai, minha mãe, meu professor ou minha professora me ensinaram o que aprenderam de outras pessoas".

#### O QUE DEVE FICAR DESSE ENCONTRO?

- A violência contra a mulher é produto de uma socialização de gênero.
- Para superação da violência, temos que, em primeiro lugar, abrir os olhos para enxergar o que acontece ao nosso lado.
- Tanto mulheres quanto homens devem fazer esta reflexão.

## TERCEIRO ENCONTRO

### AS REDES QUE ME PRENDERAM I (A RELIGIÃO)

*"Não, não creio em um Deus que exija sacrifícios humanos. Não creio em um Deus que destrua a vida de uma mulher para salvar a alma de um homem."*  
(J. Gaarder. Vita Brevis. *A Carta de Florença para Aurélio Agostinho*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998. pág. 85).

#### OBJETIVOS

- Compreender que a violência é uma construção e um dos seus alicerces é a religião (ou a teologia) cristã.
- Provocar as pessoas para criar novas atitudes e maneiras de compartilhar a vida sem violência, tendo como base o ensino religioso a partir de novas formas de leitura da Bíblia.

#### APRESENTAÇÃO DAS PARTICIPANTES

Como já dissemos em outros encontros, mesmo que as mulheres se conheçam, podemos começar o encontro reapresentando-nos, pois queremos, com esse exercício, fornecer o material que nos ajudará nessa jornada.

- Meu nome é:
- Da igreja aprendi que ser mulher é:
- Mas eu gostaria de ouvir que a mulher é:

## SUBSÍDIOS

Nos dois encontros anteriores, estivemos pensando em duas situações: primeiro foi dar-nos conta de nossa situação para, logo no segundo encontro, refletirmos sobre o que é uma socialização de gênero, como é que aprendemos a ser mulheres ou homens. Neste terceiro encontro, vamos pensar o quanto há dos ensinamentos religiosos em tudo o que conhecemos muito bem e que aceitamos como "normal" ou natural.

A religião, seja qual for, tem um papel muito importante em nossas vidas. O que ouvimos e aprendemos, tanto mulheres quanto homens, no ensino religioso e na catequese fica gravado em nossa mente. Não se questiona a "Palavra de Deus" que é ensinada nem se duvida dela. Por isso aceitamos sem reclamar que o homem é mais importante, pois, por exemplo, o relato da criação diz que o homem foi criado primeiro, e a mulher depois. Ou que a mulher foi criada depois dele para ajudá-lo, para servi-lo, cuidar dele e obedecê-lo. Isso "não se discute". E aceitamos nossa sina, que inclui a obediência mesmo que isso signifique apanhar, ficar calada, comer menos, estudar depois dos irmãos, ter todos os filhos que "Deus quiser", ganhar menos salário, estar disposta para o sexo, fazer milagres como "rainha do lar", pois é isso o que Deus espera de nós, mulheres.

## TESTEMUNHO PESSOAL

Há algum tempo comecei a sentir que aquela imagem de Deus-homem me aborrecia, que aquele Jesus não estava tão perto como parecia e que se aliava mais aos homens do que às mulheres. Ele estava presente quando era a hora de legitimar a submissão, o silêncio, a humildade, o servilismo, a docilidade, a mansidão, qualidades todas que eram para as mulheres ditas "femininas". Porém, fiquei mais revoltada ainda na hora de ter que valorizar o sofrimento e o sacrifício. Aí pensei: "Olha gente, alguma coisa não está batendo certo nesse negócio aqui"... Começou, então, a minha peregrinação pelas bibliotecas e livrarias, ouvindo uma voz aqui, outra ali... De repente, uma palavra mágica: *suspeita*, e não interessa nesse momento quem foi a pessoa que cunhou a palavra primeiro. O certo é que essa palavra é chave na caminhada pela superação de todo tipo de violência contra a mulher.

Suspeitar é a ordem do dia, suspeitar de tudo o que está estabelecido, dos mitos, dos ditados, dos ritos, até da Palavra de Deus, mesmo que pareça sacrilégio. Mas de qual palavra de Deus

vamos suspeitar? Daquela que parece que é, mas não é. Daquela palavra mal ensinada, daquela palavra que, disfarçada de libertadora, escraviza e aprisiona, daquela palavra que legitima o servilismo e a opressão.

Assim, logo depois de caminhar e vasculhar por entre montes de livros e revistas, de ouvir as mulheres, de suspeitar novamente, confrontei-me com a mesmíssima imagem de Deus: monarca, patriarca, senhor, poderoso, onipotente que não tem nenhuma relação com aquele aparente Deus de amor que conhecemos na catequese, na escola dominical, no ensino religioso. Onde estão aquelas figuras da "galinha com os pintinhos"? Onde está o coração de mãe? Onde está o amigo ou a amiga? São perguntas que ainda estou me fazendo e que hoje eu encorajo a todas vocês a suspeitar das imagens que passamos para as nossas filhas e filhos, netas e netos, alunas e alunos. Enfim, vamos observar melhor, prestar atenção quando falarmos de Deus. Podemos estar legitimando e sustentando um regime de violência que precisamos com urgência erradicar.

Uma outra palavrinha que eu aprendi mundo afora foi *metáfora*. Uma metáfora é um tipo de comparação ou imagem, aparentemente ingênua, mas muito perigosa. As metáforas reforçam idéias através de figuras muito conhecidas e familiares, como por exemplo família, namoro, matrimônio, bodas. No Antigo Testamento é muito freqüente associar Deus a um marido que tem sido enganado pela esposa. A esposa aqui seria o povo de Israel. Assim a esposa passa a ser a prostituta, a malvada que foi atrás de outros deuses e que merece ser castigada, golpeada, violentada. Outras vezes a metáfora mostra um Deus rei, poderoso na batalha, forte e vingativo. Tais figuras estão nos coros, nos hinos. Já cantamos hinos e coros onde aparecem conceitos como guerra, batalha, batalhões, peleja sagrada, luta, hostes inimigas. Esses conceitos são para indicar a luta entre o bem e o mal. Assim, estamos passando a idéia de que, para solucionar os problemas, temos o direito de usar a força bruta, pois Deus está convidando para a violência armada e legitimando-a. Por último essa teologia ou interpretação bíblica tem sido privilégio do homem, e portanto a religião é produto do pensamento masculino. Eles são os que escreveram, ensinaram, interpretaram e passaram adiante a doutrina cristã, conforme seu entendimento.

O propósito dessa pequena fala, então, é rever e aprender a suspeitar

de todas as ações que estejam nos ensinando comportamentos agressivos, discriminadores, violentos. Isso porque, muitas vezes, como não paramos para meditar no que estamos falando, cantando, ensinando, continuamos a acreditar numa conduta violenta e a perpetuá-la.

Agora vamos fazer uma leitura da Bíblia, primeiro do Antigo Testamento, e depois do Novo Testamento.

A leitura do Antigo Testamento está em : NÚMEROS 5, 11-31.  
A leitura do Novo Testamento está em : MARCOS 5, 25-34.

1. Identificar as personagens do texto.
2. Identificar as dores e os sofrimentos, as injustiças.
3. Qual a participação dos homens?
4. Como é que termina a história em ambos os relatos.
5. Que diz o texto a respeito dos direitos da mulher?
6. Outras situações relevantes com relação à mulher que o grupo quiser compartilhar.
7. Imagens do sagrado: como é Deus?
8. Como são experimentadas as relações de poder e a religião?  
Possíveis sentimentos:  
revolta, raiva, submissão, obediência.
9. Oferecer idéias novas para mudanças, a partir das experiências de vida e das leituras bíblicas.

#### O QUE DEVE FICAR DESSE ENCONTRO

- A legitimidade que a religião tem dado à subordinação da mulher não é essencialmente divina.
- Nós não estamos sozinhas. Temos outras pessoas que gostariam de nos acompanhar.
- Temos o direito de questionar e não aceitar aqueles aprendizados teológicos-religiosos que fomentam o poderio do homem e a subordinação da mulher, sustentando assim a violência.

## QUARTO ENCONTRO AS REDES QUE ME PRENDERAM II (A EDUCAÇÃO E A CULTURA)

### A ESPOSA PERFEITA

*No meio-dia, lanterna na mão,  
como fez Diógenes e em pleno sol  
busquei uma moça simples e boa  
a quem pudesse dar meu amor.*

*Passou uma moça loira, bonita,  
Como Múria a quem o Senhor  
Lá na Bethânia ouviu contente  
Doces palavras de sábio amor.*

*Era simples, linda muito linda,  
Seus lábios vermelhos, como o arrebol;  
Mas pouco dada para o trabalho  
E minha alma diz: Não, ela não.*

*Passou outra moça um poucomais bela  
Muito mais bela que a anterior  
Era qual Marta simples e boa  
Trabalhadora que era um primor*

*Quis que aquela pequena feiticeira  
Fosse a minha esposa, meu doce amor...  
Mas como ela não era cristã  
Gritou minha alma : Não, ela não!*

*Logo outra moça gentil e boa  
Marta e Maria as duas juntas  
na sua alma bondosa e pura vinham  
fundidas  
E dela prendeu-se meu coração.*

## OBJETIVOS DO ENCONTRO

- Oferecer dados históricos, filosófico-pedagógicos da construção de gênero, como caminho válido na procura das origens da violência intrafamiliar.
- Refletir sobre mitos e crenças da hierarquização do poder entre homens e mulheres.
- Conhecer como se apreendem e perpetuam esses mitos e crenças.
- Revisar e relembrar nossa educação formal e informal.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O poema apresentado no início desse encontro está escrito numa linguagem tradicionalmente machista. É o homem quem procura uma mulher ideal, boazinha, piedosa, virgem e pura, trabalhadora, branca e loira, só para o trabalho doméstico. A grande maioria de nós, mulheres, foi educada para obedecer a esse padrão, que corresponde às expectativas de um homem que, por sua vez, possui atributos determinados pela cultura, tradição e costumes. É isso o que vamos desenvolver nesse encontro.

## DINÂMICA DE APRESENTAÇÃO

### Cultivo e colheita

- Meu nome é:
- Plantaram em mim: por exemplo, medos, insegurança, submissão, dependência...
- Mas eu quero colher: igualdade, segurança, respeito, oportunidade...

## DINÂMICA DE DISTRAÇÃO E CONTEÚDO

### Expressando minhas emoções

Materiais: lápis de cor (ou outro material para colorir e desenhar), folhas brancas e um ambiente adequado – com mesas, cadeiras – para desenhar comodamente.

Prepare o ambiente falando com as mulheres da importância de refletir sobre a nossa situação de mulheres agredidas, identificar seus sentimentos e como esses sentimentos poderiam ser



representados em um desenho. Estimule as mulheres a expressarem-se através das cores e dos desenhos.

## INÍCIO DA CONVERSA

A partir dos desenhos, se conversa levantando algumas questões que podem surgir no momento ou se inicia o bate-papo partindo das seguintes sugestões:

- fazer uma lista com as características que a tradição oral e os costumes atribuem às mulheres e aos homens;
- o que você aprendeu na escola, na família, com a vizinhança sobre o que era ser uma “boa esposa”?
- você se preparou para ser esposa?
- alguma vez se revoltou contra aquelas “qualidades” de boa esposa, mãe, mulher?
- você se sente confortável nesse papel que a sociedade lhe atribuiu?
- você acha que a sociedade faz uma cobrança ou exige mais em relação a questões de moral, fidelidade, por exemplo, das mulheres do que dos homens?
- você já se sentiu agredida com essa imposição, essa desvantagem, essa discriminação?
- você acha que isso é uma violência não apenas para as mulheres mas também para os homens?

## SUBSÍDIOS

A cultura, a educação e a religião são três grandes pilares que sustentam o nosso comportamento cotidiano. Esses três alicerces modelam o nosso dia-a-dia, o da nossa família, o dos grupos que frequentamos ora como ouvintes ora como participantes. Sem perceber usamos uma linguagem discriminadora ou uma linguagem que privilegia os homens. Isso cria e recria relações de poder e de violência. E, sem perceber, estamos, nós mesmas, legitimando um sistema do qual não gostamos. No entanto, não conhecemos outro e, se imaginarmos, não sabemos como colocá-lo em prática.

Dentre os ensinamentos clássicos através dos quais fomos educadas/os, lembremo-nos, por exemplo, dos seguintes:

Para os homens:

- eles podem brigar, mas não chorar;
- eles são competitivos e ensinados para GANHAR sempre;
- eles jamais podem entrar na cozinha, podem fazê-lo em outro lugar, mas na própria casa não;
- eles podem fazer o trabalho mais servil fora de casa, mas não na cozinha da própria casa;
- eles não fazem a limpeza, não cuidam das crianças (Numa emergência doméstica, eles podem até agüentar, mas executam as tarefas mais simples de modo bem displicente para provar que é algo totalmente antinatural para eles.);
- eles são responsáveis financeiramente pela família; suas esposas podem trabalhar fora, se quiserem, mas o trabalho verdadeiro é o deles. O delas é em casa. O trabalho delas fora de casa é "distração";
- eles podem demonstrar afeto pela mulher e pelos filhos, mas por mais ninguém, especialmente por outros homens. Se gostarem de um homem, dão tapinhas nas costas, ou socos amigáveis.

Para as mulheres:

- para elas é um fracasso não casar e não ter filhos;
- sua tarefa é conquistar um homem, serem sedutoras. Mas não fica bem para elas demonstrar interesse declarado, a menos que eles demonstrem alguma atração por elas. A arma é esquivar-se e a tática é a manipulação;
- depois de se casarem, a tarefa é serem boas mães e esposas virtuosas, e não darem atenção a outros homens. Elas devem ter olhos só para os maridos;
- ganhar dinheiro é algo tolerável, desde que não interferira nos afazeres domésticos. Porém, se os próprios rendimentos forem superiores aos do marido, o casamento estará correndo perigo (De acordo com M Azevedo 1984:61).

Isso nos leva a pensar em alguns fatores que influenciam para que haja uma relação de violência na família. Por exemplo:

- Duração do período de perigo: quer dizer, quantidade de tempo (horas no dia-a-dia) em que os integrantes da família ficam juntos.
- Interesses pessoais: nas famílias existem diferentes interesses. Por exemplo: religiosos, esportivos, políticos. Essas diferenças

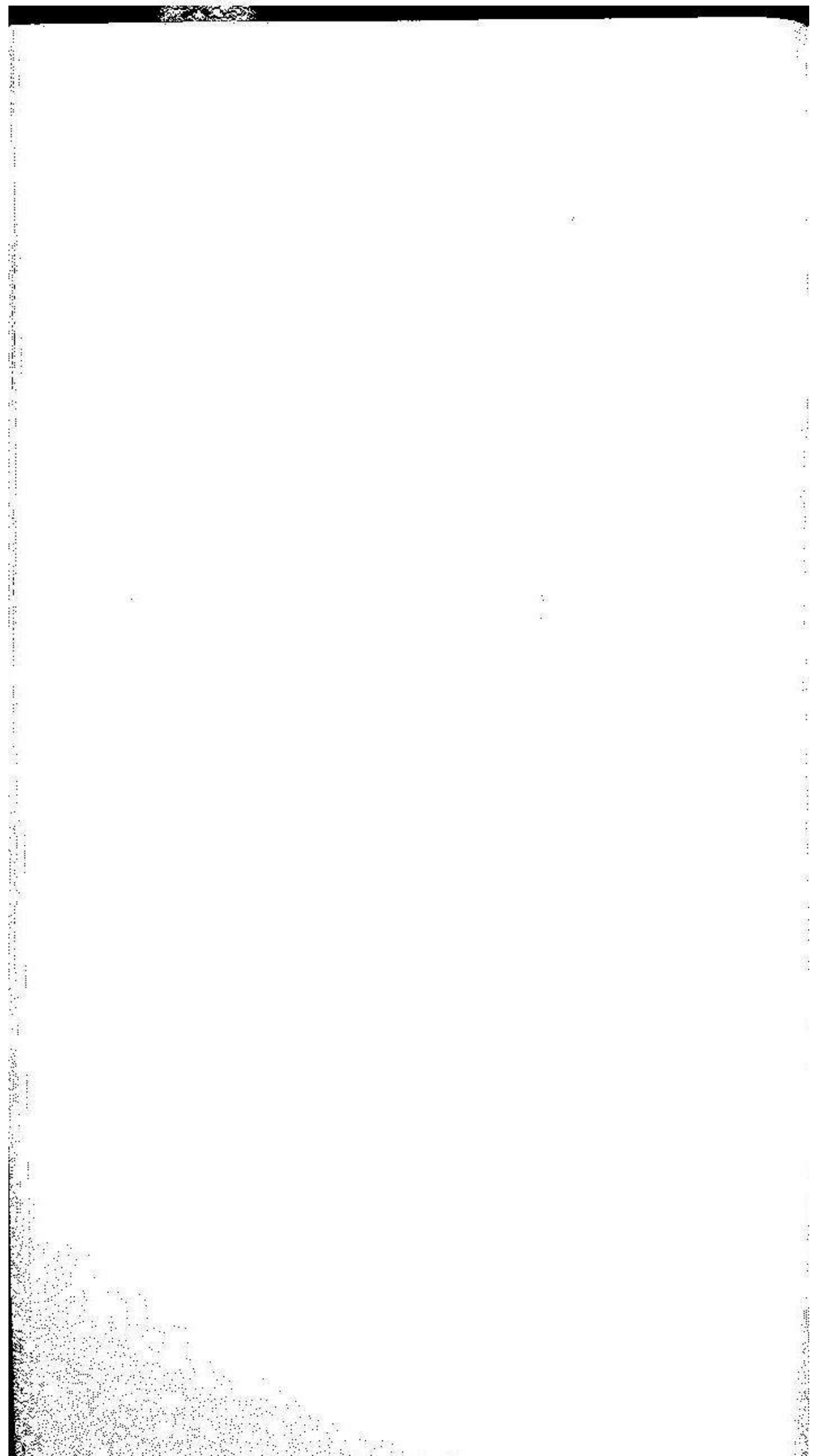
de opinião podem, eventualmente, acabar em conflito.

- A intensidade dos vínculos interpessoais: preferências, ciúmes.
- A dificuldade em concordar: às vezes a família tem que, por exemplo: decidir, comprar, arrumar, concertar coisas no lar. Fica difícil se há muitas opiniões.
- “A ordem das bicadas” ou a hierarquia familiar: os privilégios que a cultura ou a socialização de gênero dá aos homens em relação às mulheres, aos mais velhos em relação aos mais jovens, e assim por diante.
- O caráter privado da família: “Ninguém pode mexer na minha casa”. Segundo o velho ditado, “em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”.
- O pertencer involuntário ao meio familiar: ninguém escolhe a família onde nasce.
- O estresse: as mudanças socioeconômicas, por exemplo.
- A falta de referenciais masculinos não violentos: a identidade social do homem se forma a partir de estereótipos de força, agressividade, domínio, rigidez, autoritarismo, entre outras características. Os homens têm mais insatisfações pessoais, já que estão submetidos às regras do sistema econômico competitivo e consumista, que impõe a eles o papel de provedor. Essa insatisfação gera nos mesmos revolta e raiva, que canalizam errado exercitando a violência nos subordinados, mulher, filhas (os), empregadas (os).

Esses são alguns fatores que podem aumentar a vulnerabilidade da família e, principalmente, da mulher.

#### O QUE DEVE FICAR DESSE ENCONTRO

- Os costumes, os mitos e as crenças na hierarquização do poder entre homens e mulheres não são eternos, podemos modificá-los.
- A perpetuação ou as mudanças desses costumes, mitos e crenças estão em nossas mãos.
- Nossa educação, formal (creches, escolas, colégios) e informal (televisão, internet, clubes de amigas (os)), pode mudar se procurarmos as formas de fazê-lo.



## QUINTO ENCONTRO “QUE IMAGENS TENHO DE DEUS? POSSO MUDÁ-LAS?”

*Que tem feito Deus por mim?, pergunto.  
Celie! Diz horrorizada. Ele te deu vida,  
saúde e o amor de uma boa mulher.*

Sim, mas também um pai linchado, uma  
mãe doida, um padrasto que é um  
cachorro indecente e uma irmã que  
provavelmente nunca mais verei de novo.  
De qualquer maneira esse Deus para quem  
eu rezava e escrevia cartas é um homem.  
E, como todo homem, não tem  
consideração, é esquecido e indiferente.

### OBJETIVOS

Com esta unidade, pretendemos não só a continuidade desses encontros, mas também ampliar e aprofundar o tema, a partir de uma situação concreta: as imagens de Deus. Nos depoimentos de mulheres vítimas de violência surgem, indiretamente, idéias que nos fazem suspeitar das implicações que a imagem de Deus pode ter numa relação de violência. Estamos pensando em um Deus hierárquico, homem, patriarcal, cujo modelo serve de guia para o modelo de esposo e pai.

## DINÂMICA DE APRESENTAÇÃO

- Meu nome é:
- Disseram-me que Deus é:
- Mas eu o vejo como:
- A idéia de Deus que gostaria de passar para minhas filhas e meus filhos é:

## INÍCIO DA CONVERSA

- Registrar em um cartaz as diversas imagens de Deus que as mulheres levantarem na apresentação.
- Ocupar de 20 a 30 minutos para refletir sobre as imagens que foram levantadas.
- Refletir sobre o positivo e o negativo delas.
- Tentar descobrir como é que foram aprendidas e ensinadas.
- Verificar se algumas das características atribuídas a Deus já mencionadas foram observadas nos parceiros.
- Refletir sobre a semelhança dos relacionamentos: mulher companheiro e mulher/figura de Deus. Por exemplo: a obediência, a submissão, o medo, o respeito sem questionamento da mulher em relação ao Deus e ao companheiro, e o poder que é exercido por ambos sobre as mulheres.

## SUBSÍDIOS

No campo do religioso e do sagrado, principalmente para nós, cristãs, Deus tem um lugar privilegiado. Muito cedo em nossa vida já conhecemos Deus com uma imagem muito familiar. "Papai do Céu", Ele é Homem e Pai, é Rei e Monarca, e dono de nossa vida. Ele está no topo das hierarquias ou da ordem das pessoas na família e na sociedade toda. É possível que, inconscientemente, associemos aqueles homens que estão no poder com Deus. Quem é que está no topo da hierarquia da família? Sem pensar muito, descobriremos que é o homem, o "dono de casa", que está no poder, e é ele que toma conta de tudo, incluindo a vida da própria mulher, filhas e filhos.

Isso pode ser ilustrado e explicado de duas formas: primeiro, pelo que se conhece como **metáfora** e, segundo, pela **cosmovisão** do mundo e da sociedade em geral. Uns dos caminhos pelo qual essa

imagem hierárquica entra no nosso imaginário é pela utilização de um recurso literário chamado **metáfora**. O que é uma metáfora? Metáfora é uma comparação, ou seja, uma palavra, uma idéia usada fora de seu contexto habitual para explicar ou ensinar algo. Por exemplo: os braços da poltrona. Logicamente a poltrona não tem braços como a gente, mas associamos parte da poltrona com a idéia de braço e, portanto, poltrona com pessoa. No caso, atribuímos uma qualidade de pessoa a uma coisa.

No Antigo Testamento temos exemplos onde Deus é representado através da semelhança com situações tiradas do cotidiano. Os profetas costumavam utilizar alguns tipos de relações humanas para descrever a relação de Deus com o povo de Israel, Juiz e litigante; Pai e filho, Amo e escravo e Rei e súditos. No entanto, umas das figuras mais representativas é a figura (ou metáfora, no caso) do matrimônio. Assim, com base nessa idéia, legitima-se a imagem de um Deus violento e vingativo. De tal modo que, com o uso de tal metáfora, podia-se manter, no contexto bíblico do Antigo Testamento, o poder, o prestígio e os privilégios dos homens sobre as mulheres. Mantinha-se e defendia-se a visão hierárquica do mundo em que os poderosos tinham direito a represálias físicas contra as (os) mais fracas (os). A comunicação que tanto as mulheres quanto as crianças e os servos têm com Deus se faz através do homem, como cabeça da família. Eles constituem parte das propriedades do patriarca, conhecem Deus e se relacionam com Ele por meio de deveres e de obrigações para com o seu dono.

Por outra parte e ampliando essa mesma idéia, na tradição judaico-cristã (desde o Gênesis), implantou-se o monoteísmo masculino. Essa imagem reforça e legitima, mais uma vez, a hierarquia social patriarcal, baseada em um Deus que se comunica com os homens, chamando-os de filhos. Eles são os escolhidos como seus representantes e com eles Deus faz compromissos e pactos. As mulheres são, de forma figurada, reprimidas da mesma forma que as crianças e os servos. Assim, os homens devem adotar, para com as mulheres, a mesma dinâmica de relacionamento que Deus tem com eles, criando uma ordem simbólica:

Em primeiro lugar:	DEUS
Em segundo lugar:	HOMEM (Imagem de Deus)
Logo após:	MULHER (crianças, servos, escravos).

No Novo Testamento, o Apóstolo Paulo reforça essa idéia e essa ordem hierárquica, conforme consta na carta I Coríntios 11, 3-7:

*Quero, entretanto, que saibas se Cristo é a Cabeça de todo homem, e o homem, a cabeça da mulher, e Deus a cabeça de Cristo... porque na verdade, o homem não deve cobrir a cabeça, por ser ele imagem e glória de Deus, mas a mulher é glória do homem.*

e em Efésios 5, 22-24:

*As mulheres sejam submissas aos seus próprios maridos como ao Senhor, porque o marido é a cabeça da esposa, como também Cristo é a cabeça da Igreja, sendo este mesmo o Salvador do corpo. Como, porém, a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas aos seus maridos.*

Essas imagens teológicas tradicionais, isto é, a hierarquia que o Apóstolo Paulo coloca nos seus escritos, o lugar da mulher e do homem na família, na Igreja e na sociedade, se complementam com o pensamento filosófico grego (Aristóteles/Platão). Especialmente Aristóteles, que disse que o homem é um ser completo, enquanto a mulher é apenas o receptáculo da semente de onde nascerá o homem. Ao longo dos séculos, outros filósofos, teólogos e pensadores utilizaram e utilizam essas idéias, com a finalidade de legitimar o lugar subordinado e discriminatório da mulher na sociedade e na Igreja.

Conseqüentemente, as mulheres, de todos os estratos sociais, econômicos, religiosos (sempre falando na tradição judaico-cristã), foram adquirindo e assumindo a submissão, a mansidão, o servilismo, o silêncio perante seu dono, amo e patrão, que era o esposo. Isso torna evidente o tratamento diferenciado e discriminatório, muitas vezes injusto e violento, que tem pesado sobre a mulher no decorrer dos tempos.

#### O QUE DEVE FICAR DESSE ENCONTRO?

- A imagem de Deus pode não apenas ser representada por uma figura masculina. Temos a liberdade de imaginar Deus de outra maneira.
- Devemos ser espertas e "suspeitar" das imagens sagradas que possam estar legitimando uma relação violenta e que possa estar motivando uma eterna discriminação e desigualdade entre homens e mulheres.



## SEXTO ENCONTRO

“O DIREITO DE ESCOLHER E DECIDIR COMO VIVER MINHA VIDA:  
UM PASSO IMPORTANTE NA SUPERAÇÃO E NA ELIMINAÇÃO DA  
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER”.

*Quando eu sugiro pôr fim ao sofrimento não estou querendo dizer “anestesia”. Refiro-me sim a ser consciente do mundo e meu lugar dentro dele, mas não para observá-lo com ressentimento e indiferença, mas sim como uma poderosa e feminina série de alternativas onde posso escolher: e aqui eu escrevi as palavras em toda a sua totalidade: poderosa e feminina.  
(Adrienne Rich. In Sources, Woodside, Calif.: Hyeck Press, 1983).*

### OBJETIVOS DO ENCONTRO

- Encerrar os encontros fazendo uma avaliação do que foram estas cinco semanas trabalhando a questão da violência contra a mulher. E também tentar planejar o futuro.
- Fazer um resumo do que já compartilhamos nessas semanas.
- Lembrar-se de quais foram nossos objetivos.
- Recordar-se do que deve ficar como reflexão de cada encontro.
- Valorizar o direito de decidir e escolher a própria vida.

## INÍCIO DA CONVERSA

Ninguém disse que será fácil “dar a volta por cima”. Estudamos juntas, nessas últimas semanas, como foram construídos os fundamentos sociais que formaram o que denominamos de “relações de gênero”. São relações que favoreceram os homens, em detrimento das mulheres, contribuindo para um comportamento agressivo e destrutivo de ambas as partes. Como todos esses comportamentos foram ensinados de geração a geração, passam de mães para filhas (os). Esse fato se deu na educação, na religião, na cultura, e é muito difícil erradicar costumes, hábitos, atitudes que aprendemos no dia-a-dia. Hoje vamos procurar ter uma atitude radical conosco. Vamos tentar “dar a volta por cima”, reorganizando nossas vidas e nossas atitudes, costumes e hábitos, a partir de uma só atitude: apreciar o direito de escolha de como viver nossas próprias vidas.

### Dinâmica motivadora: Sociodrama

Temas sugeridos

1. O que aconteceu comigo quando tive de escolher entre X e Y.
2. O que aconteceu comigo quando não tive a oportunidade de escolher o que eu queria.

### OBJETIVO DA DINÂMICA

Permitir que as participantes se vejam e analisem uma situação onde tiveram de escolher alguma coisa importante que mudou suas vidas de determinada maneira. É possível que essa escolha tenha mudado suas vidas de forma positiva ou negativa. A monitora, então, explicará às participantes que o sociodrama deve representar uma situação de nossa vida real, que logo após será analisada. É uma encenação na qual se utilizarão palavras, gestos e ações. Não precisamos de um texto escrito, nem de roupas especiais, nem de muito tempo para preparar a peça teatral. Faremos grupos com até quatro pessoas.

### Passos a seguir

O primeiro passo consiste em escolher o tema. Devemos ter muito claro qual é o tema e o porquê dele. Logo, falar do tema. As pessoas que participarem do sociodrama dialogam um pouco (mais ou menos 10 minutos) sobre o que elas conhecem do tema, como o têm vivido e como o entendem. No terceiro momento preparam-se para a

argumentação (enredo). Ordenam os fatos já previamente conversados para ver como montar a peça (por exemplo, em qual ordem irão as personagens, e em que momento cada uma atuará). Em síntese, o sociodrama requer:

### TEMA, CONVERSAÇÃO E ATUAÇÃO

Recomendações para o sucesso do sociodrama: falar em voz alta e clara, lentamente, mover-se, fazer gestos. Não atuar apenas com palavras, usar o corpo todo, usar qualquer material que esteja disponível na sala ou no lugar de reunião (chapéu, mesas, cadeiras, lençóis, guardanapos, por exemplo). Poderemos também usar cartazes para indicar lugares como igreja, lojas supermercados, quitandas, escolas.

### QUESTÕES PARA FACILITAR O DIÁLOGO E A REFLEXÃO

- Entendo o que estou falando (ou o que os outros falam) quando se trata do direito a escolher ou decidir?
- De que direito de escolha estou falando?
- Tenho visto ou ouvido na rua ou em outro lugar sobre o direito de decidir?
- Em que ambiente posso optar pelo direito de decidir e/ou escolher?
- Se eu tivesse (ou não) direito de decidir e/ou escolher, como me sentiria?
- Que imagem eu associo com a impossibilidade de ter o direito de escolher?
- Se pudesse tirar uma foto do direito de decidir e/ou escolher, essa foto seria em preto-e-branco ou em cores?
- Que aspecto (rosto) tem o direito à escolha?
- É possível imaginar que esse direito tem cheiro?

### PARA RELEMBRAR DO QUE JÁ FALAMOS ATÉ AGORA

Dissemos que a violência contra a mulher é produto de uma socialização de gênero, o que gera a desigualdade e a violência. Depois dissemos que, para superar a violência, tínhamos que, em primeiro lugar, abrir os olhos para enxergar o que acontece ao nosso lado e que esta reflexão deveriam fazê-la tanto mulheres quanto homens.

Ressaltamos a legitimidade que a religião tem dado à subordinação da mulher, legitimidade que não é necessariamente divina. Mesmo que por anos e séculos a Igreja tenha colocado na catequese idéias como: a diferença entre homens e mulheres, a obediência irrestrita da mulher ao homem, a superioridade do homem na sociedade. Um exemplo disso é a imagem masculina que temos de Deus. Isso nos motiva a pensar que Deus não pode ser representado somente por uma figura masculina, poderosa. Também é possível pensá-lo como mulher ou simplesmente cada uma de nós pode senti-lo ou experimentá-lo a partir de nossas próprias vivências. Como dissemos em uns dos nossos encontros, devemos ser espertas e suspeitar das imagens sagradas que possam estar legitimando uma relação perigosa e que seja motivo para uma eterna discriminação e desigualdade entre homens e mulheres.

Do mesmo modo, lembramos que temos o direito de questionar e não aceitar aqueles aprendizados teológicos-religiosos que fomentam o poderio do homem e a subordinação da mulher, sustentando assim a violência contra a mulher. Costumes, mitos e crenças na hierarquização do poder entre homens e mulheres não são eternos, **PODEM SER MODIFICADOS.**

Nosso papel é muito importante e transcendental, na perpetuação ou nas mudanças desses costumes, mitos e crenças. A transformação e a possibilidade de ver novos amanheceres na vida de nossas filhas e filhos está tanto nas nossas mãos, como nas dos nossos companheiros, amigas (os) e na sociedade como um todo. Desfrutar de uma nova forma de relacionamento mais humano depende de todas e todos nós e não de uma pessoa só. Porém, para realizar isso não podemos sentir-nos isoladas (os). Há outras e outros que ainda não se atreveram, mas que gostariam de nos acompanhar na luta pela superação de todo tipo de violência contra as mulheres.

Para alcançar esse objetivo, é necessário que observemos a responsabilidade na educação formal e informal. Por isso, devemos estar alertas em relação às nossas crianças: o que estão aprendendo nas escolas e nos colégios? Assim como o que elas estão aprendendo através de outras formas de educação informal: com amigas (os), literatura, televisão, internet. Quais as imagens de mulher e de homem que se têm nas novelas, nas histórias em quadrinhos, nos textos escolares, por exemplo. Essa é tarefa não apenas da mãe, mas

também do pai e do grupo familiar como um todo.

O mundo pode mudar se a gente procurar as formas de fazê-lo. Não obstante, em todo esse processo de mudanças, temos que assumir o fato de que somos pessoas com direitos e deveres. E o nosso direito mais sagrado é o direito de escolher e de decidir o que nós queremos ser, o que queremos para nossas vidas daqui para a frente. Aprender a dizer sim e não. Escolher entre o que nos convém, o que nos satisfaz, o que nos dá prazer e/ou o que destrói nossas vidas. Essas escolhas devem abranger toda a nossa existência, nossos relacionamentos – não apenas com o parceiro, mas também com o grupo familiar –, nossa participação nos grupos de bairro, na paróquia e Igrejas, enfim em qualquer lugar.

Na medida em que aprendemos a nos posicionar em nosso espaço, a respeitar e a exigir respeito, na medida em que nos valorizamos como pessoas com os mesmos direitos entre mulheres e homens, poderemos dizer que estamos a caminho de superar a violência e a discriminação entre mulheres e homens. E isso terá incidência em outros grupos de pessoas vítimas de violência e discriminação. A superação da violência passa por uma mudança integral de comportamento entre homens e mulheres. Portanto, os homens também precisam discutir e reconsiderar atitudes destrutivas que a sociedade estabeleceu como “normais” e “naturais”. Precisam aprender a solucionar problemas, a discutir e a respeitar diferentes pontos de vistas e opiniões.

A abordagem da questão da violência contra a mulher não termina nesta página. É agora que começa nossa participação como agentes multiplicadores (as) do que temos colocado e proposto nos diferentes encontros e oficinas desta cartilha.

## Onde denunciar a violência contra as mulheres ou procurar ajuda

OAB – Ordem dos Advogados do Brasil (serviço de atendimento à mulher em várias cidades)

Delegacias de Polícia de Defesa da Mulher ( em várias cidades brasileiras)

Assessoria das Delegacias de Polícia de Defesa da Mulher (11) 3311-3570

### Organizações não governamentais por regiões:

Rio Grande do Sul:

THEMIS – (51) 3212-5970

São Paulo:

CLADEM – Silvia/Valéria – (11) 5181-1640

CASA ELIANE DE GRAMOUNT – (11) 5549-9339

UNIÃO DE MULHERES DE SÃO PAULO – (11) 3106-2367

*Raquel Carmen Riquelme Martinez*

Chilena, pastora e teóloga da Igreja Metodista.  
Atualmente cursa doutorado em Ciências da Religião,  
na área de Teologia Prática e Pastoral (UMESP).

<sup>1</sup> Simone de Beauvoir, *The second sex*, New York, Bontam Books, Inc., p 271-2. Reimp. Citado por Madonna KOLBENSCHLAG. In. *Adeus, bela adormecida. A revisão do papel da mulher nos dias de hoje*. São Paulo, Saraiva, 1991.p 19

<sup>2</sup> Alice Walker em: “A cor púrpura”.



## **PUBLICAÇÕES CDD**

### **CADERNOS**

- 1. UMA HISTÓRIA NÃO CONTADA**  
A história das idéias sobre o aborto na Igreja Católica  
**Jane Hurst**
- 2. A IGREJA CATÓLICA E A CONFERÊNCIA DO CAIRO**  
Uma linguagem comum  
**Vozes Católicas**
- 3. ABORTO: DESCOBRINDO AS BASES ÉTICAS PARA DECIDIR  
COM LIBERDADE**  
**Daniel Maguire, Olinto Pegoraro e Maria Consuelo Mejía**
- 4. PALAVRAS DE MULHERES**  
Juntando os fios da teologia feminista  
**Maria José F. Rosado Nunes e Beatriz Melano Couch**
- 5. ASPECTOS RELIGIOSOS DO ABORTO INDUZIDO**  
**Luiz Pérez Aguirre**
- 6. ABORTO LEGAL – Igreja católica e o Congresso Nacional**  
**Myriam Aldana Santin**
- 7. SEXO BOM – SEXO JUSTO – catolicismo feminista e  
direitos humanos**  
**Mary R. Hunt**
- 8. COTIDIANOS SACRAMENTOS – Alternativas de comunhão**  
**Nancy Cardoso Pereira**
- 9. OLHARES FEMINISTAS SOBRE A IGREJA CATÓLICA**  
**René Van Eyden, Elisabeth S. Fiorenza e Mary R. Hunt**

### **CARTILHAS:**

#### **ABORTO**

**Conversando a gente se entende**

#### **MATERNIDADE**

**Conversando a gente se entende**

#### **SEXUALIDADE**

**Conversando a gente se entende**

### **VÍDEO**

**A DECISÃO DE RITA**

### **RÁDIO/CD**

**Conversando a gente se entende**

**1. SEXUALIDADE**

**2. USE CAMISINHA SEM CULPA**